



Narrativas em colisão?

Beatriz Chiesse de Andrade Albuquerque e Lima – mestranda do PMPD

Disponível em: <https://colunas.direitounb.com.br/narrativas-em-colisao>

"A educação para a mídia e a alfabetização digital são cruciais na luta contra as fake news."

Irina Bokova

As fake news representam uma ameaça direta à democracia, corroendo os pilares que sustentam o Estado Democrático de Direito: a informação de qualidade, o debate público sadio e a formação de uma opinião pública livre e consciente. A disseminação deliberada de desinformação não apenas distorce a realidade, mas também cria um ambiente de polarização extrema e desconfiança institucional, enfraquecendo os laços sociais e comprometendo a governança democrática.

Aline Osorio, estudiosa sobre o tema, ressalta que a desinformação é frequentemente utilizada como ferramenta para manipular eleições e deslegitimar lideranças, causando danos irreversíveis à confiabilidade dos processos democráticos. Segundo ela, "a ética na comunicação e o compromisso com a verdade são essenciais para o funcionamento de uma democracia robusta". Esse compromisso é frequentemente violado quando grupos organizados usam plataformas digitais para espalhar notícias falsas com o objetivo de influenciar decisões políticas ou desestabilizar governos.

Luis Roberto Barroso, ministro do Supremo Tribunal Federal e defensor dos valores democráticos, destaca que "a democracia é um regime que exige um mínimo de racionalidade no debate público". Para ele, a proliferação de fake news destrói esse pressuposto ao promover narrativas baseadas em mentiras e teorias da conspiração, gerando uma esfera pública desinformada e emocionalmente carregada. Barroso



ênfatiza ainda que o enfrentamento da desinformação não pode ser confundido com censura, mas deve ser conduzido com base em soluções que respeitem a liberdade de expressão, como a educação midiática e a regulação responsável das plataformas digitais.

Edilene Lobo, ao abordar o impacto das fake news no contexto eleitoral, argumenta que "a manipulação da informação compromete a soberania popular, pois conduz o eleitor a tomar decisões com base em premissas falsas". Esse fenômeno, segundo ela, fere de maneira grave o princípio da igualdade nas disputas eleitorais, uma vez que candidatos ou partidos que se beneficiam da desinformação acabam por obter vantagens desleais, distorcendo o resultado das urnas.

Cass Sunstein, renomado jurista e teórico da comunicação, ênfatiza a necessidade de garantir um "ambiente informacional confiável" para o pleno funcionamento da democracia. Sunstein alerta para os perigos das chamadas "câmaras de eco", onde indivíduos se isolam em bolhas informacionais, reforçando preconceitos e rejeitando perspectivas divergentes. Esse fenômeno, alimentado por algoritmos de redes sociais, amplifica a disseminação de fake news e prejudica o diálogo democrático.

No contexto brasileiro, Eugênio Bucci aponta que "a crise da verdade é também uma crise de valores democráticos". Segundo ele, a banalização da mentira nos discursos públicos mina a confiança nas instituições e compromete o pacto social que sustenta a democracia. Bucci defende que o jornalismo independente e responsável é uma ferramenta essencial para contrabalançar a desinformação, servindo como um "antídoto" contra a manipulação informacional.

A luta contra as fake news exige uma abordagem multifacetada. A sociedade civil, os poderes públicos e as plataformas de comunicação digital têm um papel crucial nesse cenário. A implementação de legislações que responsabilizem a propagação de notícias falsas, aliada à educação para o uso consciente das redes sociais, são passos fundamentais para conter essa prática nociva. Além disso, é imprescindível fortalecer os mecanismos de fact-checking e promover campanhas de conscientização para que os cidadãos sejam capazes de identificar e rejeitar conteúdos fraudulentos.



Nesse sentido, a educação midiática surge como uma estratégia essencial para enfrentar o desafio das fake news. Ensinar cidadãos, especialmente as novas gerações, a consumir, avaliar e compartilhar informações de forma crítica contribui para uma sociedade mais informada e resiliente. Essa prática não apenas fortalece a capacidade de identificar desinformação, mas também promove uma cultura de responsabilidade e compromisso com a verdade, indispensáveis para a preservação da democracia.

Em suma, combater as fake news é defender a democracia. Como bem disse Barroso, "a defesa da verdade e da razão é um ato essencial para a preservação do Estado Democrático de Direito". Assim, a sociedade brasileira deve unir esforços para garantir que a liberdade de expressão, um direito fundamental, não seja distorcida em uma arma contra a própria democracia que a protege. Ações concretas e coordenadas são urgentes para impedir que a desinformação continue a ameaçar os valores e as instituições democráticas no Brasil e no mundo.